

O ANTICOMUNISMO DO GENERAL FERDINANDO DE CARVALHO NO CONTEXTO DA ABERTURA POLÍTICA (1977-1978): UMA (RE) LEITURA DE “OS SETE MATIZES DO VERMELHO”

EL ANTICOMUNISMO DEL GENERAL FERDINANDO DE CARVALHO EN EL CONTEXTO DE APERTURA POLÍTICA (1977-1978): UN (RE) LECTURA DE "LOS SIETE TONOS DE ROJO

Sandra Regina Barbosa da Silva Souza*

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

sandrahistoria@gmail.com

Resumo

O fio condutor deste artigo é o tema das representações políticas anticomunistas do Exército Brasileiro sobre o Partido Comunista Brasileiro (PCB) durante os anos de 1964-1978. Para isso, analisamos o Inquérito Policial Militar (IPM) n.º 709, do PCB, e o livro de ficção de Ferdinando de Carvalho, Os Sete Matizes do Vermelho, e seus contrapontos a partir de entrevistas, memórias e autobiografias de comunistas. A pesquisa visou tratar e identificar os dispositivos de representação do imaginário anticomunista, como ele se revestiu de simbologias, sobretudo pelas narrativas ficcionais, e o quanto representava setores conservadores e autoritários da época. O artigo refere-se, portanto, a um estudo das “lutas de representações” do Exército sobre os comunistas, ou melhor, a visão construída pelo exército sobre os comunistas, no momento da abertura política.

Palavras-chave: Anticomunismo. Ditadura militar. Representações. Memórias.

Resumen

El hilo conductor de este artículo es el tema de las representaciones políticas anti-comunistas del Ejército Brasileño sobre el Partido Comunista Brasileño - PCB, durante los años de 1964-1978. Para ello, analizamos lo Inquérito Policial Militar (IPM) nº 709, del PCB, lo libro de ficción de Ferdinando de Carvalho, *Los Siete Tonos del Rojo* y sus contrapuntos a partir de entrevistas, memorias autobiografías de los comunistas. La investigación intentó tratar y identificar los dispositivos de representación del imaginario anticomunista, como él estaba cubierto de símbolos, sobre todo por las narraciones de ficción, y cuánto representaba sectores conservadores y autoritarios de la época. El artículo se refiere, por lo tanto, un estudio de las "luchas de representaciones" del Ejército en contra a los comunista, o más bien, la visión construida por el ejército sobre los comunistas en el momento de la apertura política.

Palabras clave: Anticomunismo. Dictadura militar. Representaciones. Memorias.

Introdução

O presente artigo, intitulado “**O anticomunismo do General Ferdinando de Carvalho no contexto da abertura política (1977-1978): uma (re) leitura de “Os Sete Matizes do Vermelho”**”, foi inspirado em partes do terceiro capítulo de minha tese de doutorado,ⁱ em que analiso as representações políticas anticomunistasⁱⁱ do Exército Brasileiro sobre o Partido Comunista Brasileiro (PCB), durante segunda metade da década de 1970. Para isso, utilizou-se como fonte principal o livro de ficção **Os sete matizes do vermelho**,ⁱⁱⁱ do general Ferdinando de Carvalho (à época, coordenador do Inquérito Policial Militar – 709 [IPM-709])^{iv} e seus contrapontos a partir de entrevistas, memórias e autobiografias de comunistas e, mais documentos do próprio partido.

O anticomunismo,^v enquanto tema de investigação historiográfica e sociológica, recebeu no Brasil, nos últimos anos, significativa acolhida acadêmica.^{vi} Segundo Luciano Bonet (1998), por definição vocabular, o anticomunismo deveria ser entendido como oposição à ideologia e aos objetivos comunistas.^{vii}

Considerado por Marco Aurelio Vannucchi Mattos (2003),^{viii} como o mais famoso documento de investigação para prisões de combatentes ao regime existente, o IPM de número 709 coordenado pelo coronel Ferdinando de Carvalho,^{ix} e auxiliado por outros vinte oficiais, pretendeu apurar as atividades do PCB em todo o território nacional, “[...] pretensamente formado para apurar atividades

do PCB até a queda de Goulart, chegou a reunir 889 cidadãos na qualidade de indiciados, além dos exíguos 16 que a promotoria considerou merecedores de ação penal.”^x Trata-se de um tipo de documentação em que são basicamente explorados os crimes considerados pela ditadura, no caso particular do IPM 709, crimes de “subversão”. Mas essas fontes também nos informam sobre detalhes da vida e das atividades dos comunistas, uma vez que, a principal base IPM 709 é o conjunto de cadernetas do dirigente comunista Luis Carlos Prestes.

Analisou-se o livro de Carvalho, apresentando algumas referências do autor ao comunismo, aos comunistas e ao PCB. Tratou-se de conhecer a ideia geral da narrativa, ou seja, o conflito central. Apontou-se que mesmo em uma ditadura, dando sinais de término, as representações anticomunistas de Ferdinando de Carvalho seguiam uma perspectiva de repressão aos comunistas, reproduzidas por narrativas em que situa os comunistas agindo, continuamente, em diversos setores da sociedade, infiltrados, causando males, sobretudo para a juventude. Tais comunistas, considerados “perigosos subversivos” pregavam uma vida utópica: a “igualdade social”, difícil de alcançar.

Ao pensar uma narrativa ficcional anticomunista da segunda metade dos anos setenta, **Os Sete Matizes do Vermelho** se constitui como um texto capaz de nos remeter às representações históricas anticomunistas. Contudo, ao buscar reproduzir a história a partir de uma obra literária, foi necessário ter em mente a relação entre as duas áreas do conhecimento: História e Literatura, compreendendo a estreita relação do conceito teórico de **representação** que, articulado ao imaginário e simbólico, fundamenta tanto a construção historiográfica quanto a literária.

O sentido de representações se subverte, “mascara, em vez de pintar adequadamente, o que é seu referente.”^{xi}, são criações que ocultam, manipulam ou expressam uma determinada realidade social, refletindo o ponto de vista daquele que a relata. Nesse sentido, a mensagem da narrativa ficcional, desenvolvida por Ferdinando de Carvalho, se constrói sobre uma base representativa, constituindo-se em reflexo de uma manipulada campanha anticomunista e de duras críticas ao processo de abertura política.

Existe uma correspondência entre o real e a representação sem, contudo, desconsiderar a manipulação, deformação e deturpação dessa realidade. No caso do anticomunismo é central o vínculo entre uma dada realidade e a sua correspondente distorção. Ao analisar a narrativa de Ferdinando de Carvalho observa-se a frequência com que ações e ideias são representadas e caracterizadas negativamente nos textos.

Notas Sobre o Autor e Seus Matizes no Contexto da Ditadura Militar^{xii}

A idéia de combater o comunismo persistiu embora a forma tenha deixado de ser a repressão ao Partido e exterminação física dos militantes. Alguns militares se voltaram para uma forma mais sutil, porém não menos eficaz e sistemática. Não existe mais a desarticulação física de um partido comunista, estes já foram destituídos de seu poder, derrotados não representam perigo, entretanto ainda estavam presentes e o combate vai se construir no terreno das representações, atuar no imaginário “onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, [...]”^{xiii} Apresentados sob o invólucro de literatura, a narrativa ficcional se apropria da representação e constrói a sua própria realidade, “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível.”^{xiv}

Ferdinando de Carvalho teve como último posto na carreira militar, o de General de Brigada. Além de ter sido Diretor de Processamento de Dados do Exército, comandou o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) de Curitiba (PR) e a Artilharia Divisionária da 6ª Divisão de Exército do Rio Grande do Sul. As atividades de Carvalho, no interior do Exército foram executadas como Chefe da Divisão de Planejamento do Estado-Maior da Junta Interamericana de Defesa e, também, como Assessor Militar da Delegação Brasileira, junto à Organização dos Estados Americanos, ambos os cargos desempenhados em Washington, Estados Unidos. Em relação à sua formação, realizou todos os cursos oferecidos na Escola Superior de Guerra, e o curso de Comando e Estado-Maior, em Fort Leavenworth, Kansas, nos Estados Unidos, segundo informações do livro **História Oral do Exército – 1964**.

Carvalho parece ter sido um homem/militar que manteve firmeza e fidelidade às suas convicções. Após coordenar do IPM 709, entre os períodos de 1964 à 1966, décadas depois, no período entre 1977 a 1978, Carvalho ainda combatia e afirmava ser contra o comunismo, para ele “o comunismo não morreu, mas não vai ressuscitar com a força que teve. Ele está confinado, apenas, àqueles elementos que não se conformam com o seu destino. Poderíamos dizer que faliu, mas não morreu.”^{xv}

Carvalho teve seu livro recebido com grande empolgação pelo editor da Biblioteca do Exército (Bibliex),^{xvi} o qual reconhecia em **Os Sete Matizes do Vermelho**, de 1977, uma obra representativa no conjunto das obras editadas pela editora.^{xvii} Nas palavras do editor,

a obra que a Biblioteca do Exército Editora oferece orgulhosamente a seus quase 30 mil assinantes, faz parte desse processo de Resistência Democrática. Os Sete Matizes do Vermelho mostra, sem a adjetivação abundante própria dos que não têm argumentos palpáveis [...] num relato límpido, fiel e curto, *in memoriam*, as trágicas cenas que vivemos, num crescente alarmante, principalmente entre 1961 e 1964.

O antigo encarregado do IPM do Partido Comunista, manejando o idioma como o faz á saciedade, de forma elegante e amena, escreve um verdadeiro, atraente e agradável “romance” – que a tradição da Biblioteca de Exército Editora não prescreve editar, mas que a conjuntura o exige, sem reбуços.

O “romance” que colocamos nas estantes de quase 30 mil cabeças pensante há de fazer meditar o pai, o filho, o padre, o operário – que lamentavelmente, talvez, não leia este livro mas que dele poderá tomar conhecimento pelo patrão honesto e bem-intencionado -, o patrão, o industrial, o professor, o aluno, o político – eis que Os Sete Matizes do Vermelho os espelha, os retrata, os repete. Adverte-os. Fâ-os reconsiderar alguns gestos e decisões. Reintegra-os à História humana deste País de Deus.^{xviii} (grifo nosso).

Para o editor, a narrativa se situa como esclarecedora, os argumentos apresentados são caminhos ilustrativos para as consequências de envolvimento com militantes comunistas. Confirma sua afirmação ao manejo do uso do idioma, a frase muito bem colocada, refletindo a intencionalidade de convencimento através de uma narrativa ficcional. Apresenta seu público numericamente através de seus assinantes, como se esses fossem as cabeças pensantes que levariam a mensagem adiante e esta passaria por diversas camadas da população. A intencionalidade é reproduzida na assertiva de Carvalho, “[...] escrevemos este livro como uma advertência tanto para os homens livres, como para aqueles que, desejando ser livres tornam-se dependentes incondicionais do Comunismo.”

O representante da editora considerava ainda que o livro tratava-se uma fotografia real dos fatos e que com a publicação dos romances a Bibliex estaria prestando aos assinantes e leitores “um alto serviço patriótico e de benemerência”. Em livros como **Os Sete Matizes do Vermelho** se compreende que a luta contra o mal comunista no país também estava na ação e posicionamento de personagens do tipo como *Simplicio*, *Carlos*, *Antonio*, entre outros.

Há muita ignorância sobre o comunismo. Há uma grande ilusão naqueles que vivem do nosso lado da Cortina de Ferro. Muita gente lê os livros de

Marx, Lênin, lê os Fundamentos do Marxismo-Leninismo, editados em Moscou, lê as Máximas de Mao-Tse-Tung, folheia as revistas da China e da URSS, cheias de sorrisos, de cenários maravilhosos, de progresso e abundância. Começa a pensar que o comunismo é algo que descerra um novo horizonte para a humanidade.

Disse um pesquisador social que se os comunistas vencerem no mundo, não há de ser por saberem levantar ódios e descontentamento, mas por saberem criar uma esperança.

E é justamente a esperança que fascina e que atrai. A maioria dos que se deixam embair por essa falácia é formada pelo imenso contingente de pessoas esperando encontrar no comunismo a solução dos problemas que trazem dentro delas mesmas, dos males angustiosos que se desenvolvem em suas próprias personalidades por falhas de educação, por erros de apreciação, por deficiências de caráter.^{xix} (Grifo nosso).

Já no começo do livro, o autor demarca que as pessoas envolvidas ou que pensavam em se envolver com os comunistas, o faziam devido ao engano, a falta de conhecimento das reais práticas comunistas. Ele afirma ter sido procurado por um velho amigo, acompanhado de “[...] um respeitado médico de feição contristada e dolorida [...]”, cuja filha, uma jovem de dezoito anos, bonita e educada, abandonara a sua família para morar com um namorado “ativo comunista”. Carvalho relata que, para seu amigo e pai “desesperado”,

Não se tratava de um simples caso amoroso. Era uma sedução ideológica, um fascínio político, tão violento como imprevisível. O extremista, indivíduo maduro e adestrado na técnica da lavagem cerebral, impregnara a mentalidade ingênua dessa jovem com tais idéias, que ela decidira ligar-se a ele totalmente, para encetarem, juntos, uma existência dedicada à causa da subversão clandestina. [...] Era uma menina meiga; uma boa filha. Jamais pensei que fizesse isso. Não sei por que ficou assim dominada. Eu sabia de suas reuniões políticas com muitos amigos. Algumas foram realizadas em nossa casa. Mas pensei que tratassem de assuntos escolares. Ela deixou uma carta de despedida e desapareceu. Que devo fazer?^{xx}

O trecho materializa a representação do pensamento do autor, sutilmente ele transforma a participação da família como elemento que sofre as consequências da luta comunista. São pais inocentes diante do comportamento de filhos que foram cerceados por sujeitos sem escrúpulos. Carvalho lamentava não ter a oportunidade de alertar, anteriormente, a todos os pais de outros jovens

“sujeitos a semelhante doutrinação,” – o que passava a fazer com a publicação da sua narrativa – sobre os perigos para aqueles que se aproximavam dos comunistas ingenuamente.

Desejaria alertar a esses cidadãos que almejam criar os seus filhos em um caminho honesto, com a crença na justiça e na liberdade que o comunismo jamais poderá proporcionar. Eu desejaria mostrar-lhes a realidade abjeta das falsificações que pregam os ideólogos bolchevistas, visando a subjugar e desfibrar os indivíduos, a pretexto de emancipá-los, como predadores que encantam vilmente as suas vítimas. Eu desejaria contar a história das iniquidades que se escondem nos porões obscuros, as confabulações, as conspiratas que mobilizam corruptos subversivos num mútuo comprometimento, numa união escusa para explorar incautos e desavisados.^{xxi} (Grifo nosso).

Carvalho informa que teria consolado o pai afirmando que um dia, certamente, a jovem voltaria, porém, intimamente o autor não acreditava em tal afirmação, uma vez que, para ele, as ideias comunistas possuíam uma força gigantesca,

[...] que isso era quase improvável, pois o subversivo, como o viciado e o criminoso, se envolve em uma rede emaranhada de compromissos, da qual dificilmente se pode desprender, até encontrar um final triste em uma prisão ou em um exílio ou, até mesmo, em um suicídio.^{xxii} (Grifo nosso).

Para Carvalho, o drama do pai de uma jovem que se envolveu com os comunistas, o motivou a escrever o livro, uma vez que já possuía,

antigos papéis e anotações (do período em que coordenou o IPM do PCB). E resolvi transcrevê-los, traduzindo as histórias que continham em capítulos inseridos na triste crônica da farsa comunista, desejoso de prevenir aos que estão desavisados das perversidades humanas, escondidas por detrás do fanatismo e do misticismo ideológico.^{xxiii} (Grifo nosso).

A trajetória de ficcionista e anticomunista de Ferdinando de Carvalho revela um homem estritamente preocupado com a “guerra psicológica” e “estratégia psicossocial” da qual falou Golbery do Couto e Silva.^{xxiv}

O conflito entre a “linha dura” e os “moderados” já foi bastante estudado, sendo mesmo necessário tomarmos cuidado com esta tipologia quase simplista. Ressaltamos que, entre os chamados “moderados” e “duros”, havia matizes internos a essas correntes, sendo restritivo pensar-se apenas em dois grupos.^{xxv}

Pode-se verificar na narrativa da “linha-dura” e, especificamente, na de Ferdinando de Carvalho que a “crise moral” era fomentada pelo “movimento comunista internacional” com o objetivo de abalar os fundamentos da família, desorientar os jovens e disseminar maus hábitos – sendo, dessa maneira, a antessala da subversão. Dessa forma, “o inimigo se vale do recurso da corrupção dos costumes para desmoralizar a juventude do país e tornar o Brasil um país sem moral e respeito.”^{xxvi} Este se confirma como um pensamento preconceituoso e conservador, onde os propósitos comunistas, dos “inimigos da Pátria” eram de “solapar a família, corromper a juventude, disseminar o amor livre, a prostituição e toda sorte de degradação do povo. Feito isso, nada mais precisa ser feito para se dominar um País.”^{xxvii}

Para além do anticomunismo, o nacionalismo autoritário e conservador são também características das narrativas de Carvalho, haja vista a sua notória supervalorização na permanência e supremacia dos valores tradicionais, religiosos e familiares: família, moral, autoridade, “lei e ordem”. Carvalho além de aconselhar o distanciamento do comunismo, ele recriou o comunismo através de sua perspectiva, estabelecendo uma ideologia de valores morais éticos a partir de uma visão simplista dos ideais do povo brasileiro, busca advertir aos seus pseudos leitores quais punição sofreriam ao aderirem as atividades comunistas.

Segundo Gaspari (2003), em 1975 não havia ameaça comunista no país, uma vez que os “subversivos” estavam distantes do Planalto, os estudantes das ruas e, muito menos, “terroristas” em ação, entretanto o aparelho de segurança do governo precisava de motivos para suas ações repressivas, “Fabricou-a no PCB. Viu no Partidão o maior perigo para as instituições democráticas.”^{xxviii}

Ainda de acordo com Gaspari, 2003, este documento sugeria que a Comunidade de Informações tomasse “medidas preventivas indispensáveis” contra o PCB. Dessa forma, entendo que Carvalho também procurou operar preventivamente e evitar a retomada de possíveis influências comunistas, buscando agir no campo da propaganda anticomunista, voltado para um público

específico, uma vez que a narrativa não tivera repercussão no grande público e não é uma obra bem-sucedida do ponto de vista científico, intelectual ou editorial.

Um documento da CISA de novembro de 1975 alertava:

parece não haver dúvidas de que o que está ocorrendo, na área universitária, é um teste de comando comunista [...] É possível que novas agitações [...] sejam desfechadas, e níveis mais elevados de agressividade sejam intencionalmente atingidos. [...] Se um ou mais estudantes for vitimado e ninguém saberá ao certo, por quem, haverá excelente motivo a ser explorado pela propaganda comunista mundial, contra o Governo brasileiro, sob a regência do Movimento Comunista Internacional, ou dizendo, às claras, sob a batuta do governo soviético, comandando o Partido Comunista da União Soviética e, através deste, os demais Partidos Comunistas [...] (DOCUMENTO DE INFORMAÇÕES, No. 046/75/CISA, APGCS/HF, apud GASPARI, 2004, p. 326).^{xxix}

O vocabulário utilizado na linguagem, presente no livro **Os Sete Matizes do Vermelho**, voltado para a oralidade, é aqui compreendido como demasiadamente modesto, transforma seu conteúdo simplista e demonstra o desconhecimento do autor acerca da complexidade que envolve as idéias sobre o Comunismo ou o Partido Comunista. Contudo, caminhando pelas possíveis hipóteses, se o autor utilizasse um vocabulário rebuscado, não atingiria seus objetivos quanto disseminador de uma ideologia negativa para o comunismo. Sua capacidade inventiva se situa no plano da língua como diz seu editor; “[...] manejando o idioma como o faz á sociedade, de forma elegante e amena, escreve um verdadeiro, atraente e agradável romance”. Entretanto não vamos elevar a obra a tão nível de aguçada inteligência, por considerar a narrativa como possuidora de uma baixa capacidade inventiva e sua escrita limitada.

Assim, a pobreza da trama, a simples e frágil construção dos personagens em grande medida caricaturais, mas, sobretudo, pelo fato de não ter sido considerados por críticos ou público fora do universo militar nos permite tais qualificações.^{xxx} O livro foi irrelevante no cenário literário brasileiro – apesar dos 30 mil exemplares impressos pela Bibliex – e não apenas confirmam a completa carência de atributos literários do autor, como também suscitam elementos de reflexão sobre o isolamento do regime militar em relação à intelectualidade e ao mundo da cultura no Brasil.

A narrativa se reproduz sob a representação de aspectos de um anticomunismo conservador e moralista. Há no texto a sutileza do poder simbólico da linguagem, uma vez que a construção é toda –

através dos diálogos entre os personagens comunistas, decepcionados com a vida partidária – voltada para a autocrítica, para aconselhar (sobretudo na fala de *Simplicio*) e apresentar exemplos de pessoas que não cresceram profissionalmente, que perderam suas vidas, suas famílias pela causa comunista e, fatalmente, se arrependeram. O texto de Carvalho corporifica de forma explícita que, para os comunistas, a família não é importante, pais e filhos não se amam e nem se respeitam: o interesse pelo Partido estaria acima de qualquer sentimento afetivo. A ênfase na superioridade daqueles indivíduos que possuem uma vida religiosa, em oposição ao “ateísmo” dos comunistas é também notória na narrativa, pois somente a fé religiosa superaria a “lavagem cerebral” empreendida pelos comunistas.

A narrativa ficcional foi construída esquematicamente, por intermédio dos seguintes capítulos, mas nos concentraremos dois primeiros: O CENÁRIO; A MOTIVAÇÃO; A REUNIÃO; CARLOS: A CONSTRUÇÃO; ANTONIO: A INFILTRAÇÃO; JOÃO DA SILVA: A DOCTRINAÇÃO; LUIZ: A AGITAÇÃO; TENÓRIO: A PROPAGANDA; ARLINDO: A LIGA CAMPONESA; VENÂNCIO: A VIOLÊNCIA; O JULGAMENTO; EPÍLOGO – que acompanham a história de sete personagens ligados à atividade comunista, seja como militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), das Ligas Camponesas ou do Partido Comunista do Brasil (PC do B).

O desenvolvimento da narrativa esteve ligado ao contexto sócio-político de 1961-1964, avançando nos últimos capítulos para o ano de 1968 e as manifestações estudantis que marcaram este ano. Carvalho criou seu herói anticomunista, *Simplicio* que tem o objetivo de alertar os leitores para o fato de que o comunismo é uma “ilusão”, “farsa”, “fanatismo”, “misticismo”, ou seja, uma falácia que cria esperanças em pessoas ingênuas. O autor repete essas declarações ao longo de toda a narrativa, até chegar à conclusão de que é impossível se desvincular do comunismo, ou das práticas comunistas.

Em **Os Sete Matizes do Vermelho**, Ferdinando de Carvalho cunha os personagens de tal forma caricaturais que torna difícil a percepção da existência humana. *Simplicio* é a encarnação da simplicidade, fraqueza, obediência e submissão, personagem cujo foco corresponde às negativas referidas aos comunistas. Sua importância na narrativa molda-se com a mensagem da narrativa: a atividade comunista, ou o comunismo, é tão devastadora na vida do indivíduo, tão sofrível como uma droga, ocorrendo a dificuldade em afastar-se definitivamente.

O relato de Carvalho inicia-se com a chegada de três militantes do PCB, *Carlos, Luiz e Tenório*, em um aparelho,^{xxx} para uma reunião, na qual iriam discutir e decidir o futuro de um militante do partido que teria apresentado na prisão, um comportamento reprovável. A trama gira em torno da problemática da decisão favorável ou contrária ao justicamento do personagem *Simplicio José da Silva*. Esta situação foi considerada como o conflito central da narrativa, no qual o autor

apresenta o enredo numa reunião de julgamento de uma suposta traição do militante *Simplicio José Silva*, ligado ao Comitê dos Marítimos.

A partir dessa reunião, Carvalho desenvolve a sua trama, apresentando, ao longo dos capítulos, seus personagens, desdobrando suas críticas ao PCB e aos comunistas, a partir dos próprios personagens comunistas quando realizam suas autocríticas, ou seja, todos os personagens comunistas, na verdade são anticomunistas, facilmente, percebido em suas falas.

Carlos é o contraponto de *Simplicio* na trama, solteiro, membro do Comitê Estadual do Rio de Janeiro, estivera na URSS e em Cuba. Possui o curso secundário incompleto e “esteve preso duas vezes por atividades subversivas. Respondeu a IPM em 1964”. De família humilde do interior de Minas (Riacho Doce): nove irmãos, todos casados e católicos, somente *Carlos* “teve vocação política e se tornou ateu comunista, isto é, a ‘ovelha negra’”. *Carlos* apresentado como implacável e furioso no trato e rancoroso, dirige a reunião e se refere à *Simplicio*, afirmando que este na delegacia, “abriu o bico e escreveu uma confissão. Não foi torturado, nem sequer tocado. Mas acovardou-se. Nem sei se ele já era um espião infiltrado entre nós”. (Grifo nosso).

Diversos presidentes ou ministros negaram a existência de torturas em suas administrações. O ex-presidente João Baptista Figueiredo, afirmou em 1996: “Se houve a tortura no regime militar, ela foi feita pelo pessoal de baixo, porque não acredito que um general fosse capaz de uma coisa tão suja, não aceito isso.”^{xxxii} A mesma negativa verificou-se nas memórias de Jarbas Passarinho (1996), “Praticaram-na clandestinamente”^{xxxiii}.

Carvalho sugeriu a inexistência da tortura nas delegacias quando expõe em sua narrativa que *Simplicio* “não foi torturado, nem sequer tocado”. No entanto, contrariamente, o ex-presidente General Ernesto Geisel (1974-1979) em seu livro de memórias, afirmou ser a tortura, um instrumento de investigação que funciona:

[...] a tortura em certos casos torna-se necessária, para obter informações. [...] no tempo do governo Juscelino alguns oficiais, [...] foram mandados à Inglaterra para conhecer as técnicas do serviço de informação e contra-informação inglês. Entre o que aprenderam havia vários procedimentos sobre tortura. O inglês, no seu serviço secreto, “realiza com discrição. E nosso pessoal, inexperiente e extrovertido, faz abertamente”. Não justifico a tortura, mas reconheço que há circunstâncias em que o indivíduo é impelido a praticar a tortura, para obter determinadas confissões e, assim, evitar um mal maior.^{xxxiv}

Aparentemente *Carlos* é quem se posiciona mais radicalmente a favor do justicamento por traição e, duvidando do bom caráter de *Simplicio*, tece ferrenhas críticas à atitude do companheiro frente ao partido. No entanto este mesmo *Carlos* defende que para os comunistas, “tanto melhor quanto mais corrupto e podre ficar o regime, mais depressa alcançaremos nossos objetivos.”

Um dos camaradas do Comitê Marítimo [Simplicio] cometeu uma traição. Hoje a polícia está a par de tudo o que existe no Comitê Marítimo, o que precipitou a decisão de dissolver esse Comitê. A luta interna é legítima e válida. Diria até que é imprescindível. Mas não deve ser confundida com o divisionismo reformista que acaba chegando à desintegração. Ainda no ano passado, nosso Chefe [provavelmente Prestes] alertou a vários camaradas sobre o perigo das iniciativas isoladas e do aventureirismo inconseqüente, fora da linha partidária. Disse, na ocasião, a alguns dissidentes: “Se vocês continuarem desse modo, não estarão aqui no ano que vem.” Não foi uma ameaça, mas sim uma profecia. Realmente vários camaradas perderam a vida lutando contra a polícia, outros estão nas prisões. O Partido não lhes deu cobertura, nem lhes poderia dar. Eles agiram sozinhos, contrariando as imposições do Partido.^{xxxv} (Grifo nosso).

Subliminarmente o autor nega a prática da tortura na polícia e põe em destaque o tema do divisionismo no partido, acusando os comunistas de praticarem o “justicamento”. Oportunamente, na mesma fala de *Carlos*, Carvalho sustenta que o PCB não apóia seus militantes, em momentos de dificuldades com a polícia, uma referencia àqueles que romperam com o PCB e entraram na luta armada.

O PCB: “Tradução Fiel do PCUS”

A narrativa avança em suas representações anticomunistas no momento em que contextualiza o período do pré-golpe de 64. Durante o capítulo inicial, intitulado “O CENÁRIO”, o autor desenvolveu representações sobre o contexto político do pré-golpe de 1964, privilegiando informações sobre os acontecimentos depois da morte de Stálin, no movimento comunista internacional, e as mudanças na linha política do PCB após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética

(fevereiro de 1956). O IV Congresso do PCB e a linha da Coexistência Pacífica também foram abordados neste capítulo.

Nesse momento o autor já defende uma das suas teses: a da subserviência do PCB em relação ao PCUS, a de que o partido brasileiro não possuía identidade ou vontade própria e relata que no ano seguinte, após a morte de Stálin em 1953, “o PCB realizou o seu IV Congresso, conclave clandestino no qual aprovou o Programa e os Estatutos do Partido, tradução fiel dos Estatutos do PCUS.” (grifo nosso). No entanto, na **Resolução Política** do V Congresso do PCB em 1960, a independência político-ideológica foi enfatizada:

o Partido Comunista está chamado a desempenhar uma missão histórica, no curso da revolução brasileira, como vanguarda consciente e organizada da classe operária. Cabe ao proletariado conduzir a luta pela emancipação nacional de modo conseqüente, devendo por isso conservar, dentro da frente única, sua independência ideológica, política e organizativa. A fim de cumprir seu papel independente, o proletariado necessita do Partido Comunista, partido revolucionário da classe operária [...].^{xxxvi}

No entanto, Ferdinando de Carvalho, simplifadamente, narrou que após o XX Congresso do PCUS,

uma luta interna logo se implantou no PCB, como nos demais partidos comunistas, em todo o mundo [...] que viam nessa disputa a oportunidade de renovação das lideranças. Dessa cisão resultou a expulsão de vários membros da corrente conservadora, estigmatizados como sectários. O PCB refletia, com fiel subserviência, a nova orientação do PCUS. Para justificar a transmutação, formularam os oportunistas uma ‘autocrítica dos erros do passado’. Procuravam imitar o que o líder Krushov havia feito na metrópole bolchevista, esconjurando a memória daqueles tempos, em que ele, principal assessor de Stalin, o chamava de “paizinho” e “estrela guia”, pedindo condenação á pena capital para aqueles que haviam ‘ousado levantar a sua mão’ contra o grande protetor (CARVALHO, 1977, p. 16).

Por fim, quando perguntado por Denis Moraes (1997), a respeito da relação do PCUS com o PCB, Prestes, respondeu: “[...] ficava orgulhoso, se o senhor me diz que somos cópia do partido que fez a primeira revolução proletária da História. Mas nem isso é verdade, nem devemos obediência à

URSS.” Prestes também advogava que “[...] cada país deve desenvolver soluções próprias, atendendo às suas peculiaridades como nações [...]” e considerava que a doutrina marxista-leninista entende a multiplicidade dos caminhos para se alcançar o socialismo “por isso o Brasil terá de fazer suas próprias soluções” (MORAES, 1997, pp. 197; 229). Assim, cabe dizer que, tanto o PCB como Prestes não defendiam o transplante de modelos, mas valores ligados ao socialismo.

Um exemplo similar à percepção de Prestes sobre as particularidades do socialismo na Rússia e no Brasil, e a relação do PCUS com o PCB, o qual contraria a visão de Carvalho foi afirmado por Bezerra, 1979:

sabemos que o socialismo no nosso país não será uma imitação do socialismo implantado na União Soviética, que ele corresponderá às peculiaridades do nosso povo e da nossa cultura. Sabemos também que o socialismo no Brasil não poderá ser implantado de repente, que para chegarmos a ele precisaremos antes percorrer uma longa estrada (BEZERRA, 1979, p. 252).

Posteriormente a independência do PCB em relação à orientação política do PCUS foi afirmada no VI Congresso do PCB. No **Informe de Balanço do Comitê Central** em 1967, estava definido:

fraternalmente ligado ao movimento comunista internacional, nosso Partido é, ao mesmo tempo, um Partido autenticamente nacional, nascido do desenvolvimento histórico da sociedade brasileira. Elaborando sua política independentemente e de acordo com as condições concretas de nosso país, o Partido Comunista Brasileiro é parte integrante do movimento comunista internacional (PCB, 1980, p. 149).

Na perspectiva diversa, daquela adotada por Ferdinando de Carvalho, a respeito da política de Coexistência Pacífica, a orientação do documento “Declaração sobre a política do PCB” conhecido como *Declaração de Março de 1958*, o PCB, reconheceu a possibilidade e viabilidade do “caminho pacífico da revolução brasileira”,

[...] O caminho pacífico significa a atuação de todas as correntes antiimperialistas dentro da legalidade democrática e constitucional, com a utilização de formas legais de luta e de organização de massas [...] O povo brasileiro pode resolver pacificamente os seus problemas básicos com a acumulação, gradual, mas incessante, de reformas profundas e conseqüentemente na estrutura econômica e nas instituições políticas [...] A escolha das formas e meios para transformar a sociedade brasileira não depende somente do proletariado e das demais forças patrióticas. No caso em que os inimigos do povo brasileiro venham a empregar a violência contra as forças progressistas da nação, é indispensável ter em vista outra possibilidade – a de uma solução não pacífica. [...] Quanto aos comunistas, tudo farão para alcançar os objetivos vitais do proletariado e do povo por um caminho que, sendo de luta árdua, de contradições e de choques, pode evitar o derramamento de sangue na insurreição armada ou na guerra civil. Os comunistas confiam em que, nas circunstâncias favoráveis da situação internacional, as forças antiimperialistas e democráticas terão condições para garantir o curso pacífico da revolução brasileira (PCB, 1980, p. 22-23).

Numa linha diametralmente oposta e pouco elucidadora sobre a orientação do “caminho pacífico”, Carvalho declara:

o PCB mudando de rumo e expelindo alguns membros intransigentes, traduziu a chamada “coexistência pacífica” de Kruschov pela expressão “caminho pacífico da revolução brasileira”, versão indígena da filosofia soviética de conquista do poder mundial com o mínimo de esforço, através da estratégia dos objetivos limitados [...] O estratagema adotado consistia em criar nas massas a impressão de que o apelo à violência seria uma conseqüência justificada de qualquer reação adversária aos processos subliminares da guerra revolucionária, considerada válidos por pretenderem objetivos de emancipação e independência. “Caminho pacífico”, em poucas palavras, significava que qualquer oposição aos comunistas, em sua pretendida caminhada para o poder, poderia redundar em um conflito, do qual seria responsabilizado o regime legal, tachado de reacionário e entreguista.

Graças a essa orientação, os comunistas iniciaram a sua nova escalada de conquistas, contando com o beneplácito das autoridades, aliadas ou intimidadas (CARVALHO, 1977, p. 17).

Restam ainda as declarações de Luis Carlos Prestes, sobre a perspectiva de a revolução brasileira ser pacífica ou violenta:

lutamos para que ela seja pacífica. Pensamos que à classe operária o que interessa é que o Brasil avance, o Brasil progrida e chegue à revolução sem guerra civil, sem insurreição. É a isso que chamamos de caminho pacífico. Mas, choques de classe, choques parciais, luta entre o proletariado e a polícia, entre os trabalhadores do campo, entre os estudantes e os policiais – choques dessa natureza se darão, mas poderemos evitar a insurreição, evitar a guerra civil [...] nós comunistas, afirmamos que não provocamos, não desejamos a guerra civil, mas não tememos a guerra civil. Estamos convencidos de que a guerra civil, se os reacionários nos arrastarem a ela, levará à vitória do povo, à vitória das forças patrióticas e democráticas [...]

Estando um partido comunista no poder, a política externa dele tem que se orientar pelo princípio leninista da coexistência pacífica. Temos que viver no mesmo mundo, socialistas e capitalistas, e a única orientação acertada é a coexistência pacífica. Não tem outra solução [...] (MORAES, 1997, p. 158-159; 296).

Este panorama de representações políticas, acerca do XX Congresso do PCUS, e seus desdobramentos a partir dessa tentativa de contextualização histórica da narrativa, nos permite realizar algumas inferências analíticas. Fica evidente a incorreção por Ferdinando de Carvalho sobre os princípios que regiam a política de coexistência pacífica e a simplificação das relações entre os partidos comunistas, sobretudo o PCB e o PCUS, referidos como subserviência dos comunistas às orientações de Moscou.

Simplicio é a figura do velho militante do PCB, decepcionado que, na solidão de uma cadeia, resolveu apresentar uma confissão, espécie de autocrítica das suas relações com o partido, do comunismo e de sua militância:

o socialismo é uma solução para nações pequenas e economicamente decadentes. Ocorre nos países europeus de área reduzida e grande população, onde a pobreza e a riqueza tem de ser repartidas e podem ser controladas.

Os países grandes, com um grau acelerado de desenvolvimento, só tem duas opções: capitalismo ou comunismo. Este último exige porém um tipo de

governo ditatorial e uma grande submissão popular. É caso da Rússia, da China e de vários países africanos.

Parece incrível, mas o homem é, por índole, individualista e egoísta. Tem uma noção arraigada do direito pessoal e da propriedade. Creio que, com o correr dos anos, o regime soviético tenderá para um capitalismo. O comunismo é apenas um rótulo para iludir os incautos.

Pareço contradizer-me quando abracei o comunismo e agora declaro ser o comunismo uma ilusão. Não existe, entretanto, nenhuma contradição nisto. Uma coisa é o ideal, e outra, a realidade. Mas a realidade é muitas vezes imperceptível à mentalidade fanatizada.

Pois é em nome dessa realidade que tenciono deixar o Partido Comunista, pois ele não é o Partido altruísta que sonhei.

O PC é antes um velhacouto de ambiciosos que exploram a boa-fé e o espírito de sacrifício de alguns ingênuos e das massas ignorantes em geral.

Todas as campanhas comunistas de defesa de interesses nacionais são, na realidade, formas de sobrevivência do Partido [...] Vou responder esse processo e dizer um basta em tudo isso. Aqui nesta cela. Preso e triste, a verdade esmagou-me com uma pressão dominadora. Senti que estava sendo até agora objeto de uma iníqua exploração por uma causa inútil e falsa.

Não vou fazer como alguns que sucumbem à desilusão. Retirar-me-ei para criar meus filhos e não deixar que aconteça com eles o que comigo aconteceu (CARVALHO, 1977, p. 159).

Assim, o comunista estava a serviço da ideologia “de fora”, da Rússia, portanto eram traidores da pátria. O comunismo “é exótico, não faz parte da nossa experiência de mundo, não tem raízes nacionais, é estrangeiro, perturba a saúde pública.” (DUTRA, 1997, p. 44). Expressões como “submissão”, “obedece às instruções do Presídium da União Soviética”, “PCB refletia, com fiel subserviência, a nova orientação do PCUS”, pontuam a rede de acusações anticomunistas do autor.

Por outro lado, gradativamente, a mensagem do arrependimento do militante comunista, afirmava-se nesta “guerra psicológica”. Enquanto um setor dos militares buscava extirpar fisicamente os comunistas “subversivos” e “corruptos”, Carvalho buscava “educar”, “aconselhar”, defender o povo brasileiro dos ataques à “moral e aos bons costumes”. Fica evidente a direção conservadora e autoritária das representações que ora analisamos, cujos desdobramentos relacionados à letargia dos jovens “inocentes úteis” são apresentados no desenrolar da narrativa de **Os Sete Matizes do Rosa**.^{xxxvii}

Caminhando para o final do livro, *Simplicio*, critica a sua militância e nega o partido:

cheguei à conclusão de que tudo isso é uma palhaçada, uma palhaçada nefasta e perigosa. O Partido Comunista, desde a sua fundação até os dias de hoje, nada fez de útil para este país, senão conspirar, desacreditar, sabotar e destruir. É um Partido que obedece as instruções do Presídium da União Soviética e age fielmente de acordo com essas instruções, mesmo que isso acarrete prejuízos para o Brasil. Que moral pode ter um Partido que recebe ordens do exterior? Todo o trabalho de propaganda e agitação só tem um único objetivo: a tomada do poder para colocar o nosso país na triste condição de satélite da União Soviética, que é a “Pátria-mãe” do Comunismo Internacional (CARVALHO, 1977, p. 160).

Mas, na seqüência, novamente, a narrativa foi tomada pelo plano das representações políticas no sentido de arrependimento das atividades comunistas:^{xxxviii}

eu estava cego, pois o fanatismo ideológico é como poeira nos olhos da gente. Eu falava do imperialismo norte-americano, mas silenciava em relação ao imperialismo soviético e ao imperialismo chinês. Nunca pensei que a emancipação de um país não se constrói com palavrório, mas sim com sangue e suor, nunca pensei que o respeito e o prestígio internacional não são trabalho dos que negam, mas dos que acreditam. Falava em democracia, sem saber do que isso se tratava. Não meditei que o conceito de democracia tem centenas de interpretações e que só podem ter liberdade os povos que têm cultura para compreendê-la e merecê-la. Estive meditando e concluí que nos países comunistas a exploração do homem pelo homem é ainda maior do que nos países capitalistas. Eu vi com meus próprios olhos. O desenvolvimento econômico e social não resulta do trabalho braçal, mas, sim, do esforço intelectual. Quem quiser fazer o progresso pela força está perdido, pois o progresso é feito com a inteligência. Os comunistas são os maiores exploradores da massa, pois tudo prometem e nada constroem. Cuba e China estão aí para nos mostrar o que pode o regime comunista em um país subdesenvolvido. Cuba e China continuam subdesenvolvidos, embora tenham conseguido certas vitórias em alguns campos de alto valor propagandístico. Alguns de vocês gostariam de deixar o Brasil para ir viver em Cuba ou China? [...] Sei que podem condenar-me a morte como já tem ocorrido com muitos companheiros. Não tenho medo, porém, tirei um peso de minha consciência. Eu fui ludibriado durante muitos anos. O Partido cometeu esse crime contra a minha boa-fé. O Partido é que merece ser julgado. [...] Um Partido que me apoiou como alguém que conduz um cego para o abismo. Você fala, Carlos, como se fosse o dono da verdade. Tenho a certeza de que, no íntimo de sua consciência, você não acredita nisso. Todos

vocês estão enredados em um emaranhado e não sabem como desvencilhar-se. Mas vocês, se não forem estúpidos, hão de perceber que o Brasil jamais se tornará comunista. Uma ilusão que o comunismo injeta nos incautos. Até hoje não existiu no mundo um dia em que, em algum lugar do planeta, os homens não estivessem combatendo por alguma coisa. A Paz de que a União Soviética nos fala não é a ausência de guerras, pois estas sempre existirão. A paz de que nos fala a URSS é a paz dos submissos, dos que não podem reagir. No dia em que essa nação conseguisse dominar o mundo inteiro, então a guerra ficaria reduzida aos conflitos locais. Eu não desejo a guerra, mas acho que os homens preferem guerrear a serem oprimidos.

– Em conclusão meus amigos, reneguei ao comunismo através de uma autocrítica que a solidão do cárcere me proporcionou. Fui vítima de um brutal e prolongado embuste. Não culpo a ninguém, senão a minha própria estupidez. Eu agora vou sair daqui com a mente refrescada pela verdade. Mas vou confessar uma coisa a vocês que se dizem materialistas e quero que todos saibam: Eu nunca deixei de acreditar em Deus (CARVALHO, 1977, p. 162).

Pandolfi (1995) assinala, contrariamente, ao personagem *Simplicio*, que “os militantes têm um forte sentimento de gratidão pelo partido, são recorrentes as afirmações do tipo: ‘devo muito ao partido’.” O sacrifício, o isolamento para o cumprimento das tarefas partidárias foram situações vividas pelos militantes do PCB, porém não eivadas de arrependimento como estão nas representações de Carvalho.

A idéia geral da narrativa foi a mensagem da dificuldade ou até impossibilidade de se afastar do comunismo, representado como uma doença de difícil cura, da sutileza das atividades de infiltração dos comunistas. O fim da narrativa, como já se esperava, aponta para uma perspectiva pessimista em relação ao comunismo.

Considerações finais

O anticomunismo de Carvalho buscou tomar uma dimensão extraordinariamente ideológica. Tornou-se fruto de um “mundo” que o autor desejava fazer ruir, de projetos que caminhavam para a abertura política e, posteriormente, para a democracia. Carvalho desenvolveu em **Os Sete Matizes do Vermelho**, representações negativas dos comunistas, com o propósito de alertar as autoridades militares, a respeito dos perigos que o PCB ainda significava, naquele momento de abertura política. Os temas de seus livros são aqueles os quais os militares estavam presenciando diariamente, ou seja,

retomada das movimentações estudantis e operárias, eleições, infiltrações, propaganda, recrutamento, entre outros, que não abordamos neste texto por falta de espaço.

Referências

- ARNS, Dom Paulo Evaristo (Prefácio). **Brasil: nunca mais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BENOIT, Hector. “Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista”. In: **Revista Outubro**, n. 2, 1998.
- BEZERRA, Gregório. **Memórias: segunda parte (1956-1969)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CARVALHO, Ferdinando de. Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2000. In: **Coleção História Oral do Exército – 1964**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005.
- CARVALHO, Ferdinando de. **Os Sete matizes do vermelho**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1977.
- CASTRO, Celso. D’ARAÚJO, Maria Celina & SOARES, Gláucio Ary Dillo. **Dossiê Geisel**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.
- CHARTIER, Roger. “Por uma sociologia histórica das práticas culturais”. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- D’ARAÚJO, Maria Celina. SOARES, Gláucio Ary Dillon. CASTRO, Celso (Int. Org.). **Visões do golpe: a memória militar sobre 1964**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- FICO, Carlos. **Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar – espionagem e polícia política**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. “Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar”. In: **Revista Brasileira de História**. S. Paulo: v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.
- GASPARI, Helio. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi L. **Contra os inimigos da ordem: a repressão política do regime militar brasileiro (1964-1985)**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- MORAES, Denis de. (Org.). **Prestes com a palavra: uma seleção das principais entrevistas**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.
- PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e companheiros: história e memória do PCB**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PASSARINHO, Jarbas. **Um híbrido fértil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996.
- PCB: vinte anos de política (1958-1979), documentos**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.
- SILVA, Golbery do Couto e. **Geopolítica do Brasil**. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

_____. **Planejamento estratégico**. Brasília: UNB, 1981, 536 p. (Cadernos UNB).

Notas

* Doutora em História Social UFBA, publicou recentemente o livro **Ousar lutar, ousar vencer: histórias da luta armada em Salvador (1969-1971)**. Salvador: EDUFA, 2013.

ⁱ **Os sete matizes do rosa ou o mundo contaminado pela radiação comunista: homens vermelhos e inocentes úteis**, PPGH/UFBA. Salvador, 2009.

ⁱⁱ O anticomunismo do período da Guerra Fria foi um fenômeno ideológico e político explicável somente na sua temporalidade, cujo objetivo era a contenção da expansão do comunismo internacional e o combate aos países socialistas. De uma forma geral, significava oposição à ideologia e aos objetivos comunistas.

ⁱⁱⁱ CARVALHO, Ferdinando de. **Os sete matizes do vermelho**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1977, p. 7.

^{iv} De 1964 a 1968, dos diversos IPMs instalados, foram baixados 40 atos punitivos, atingindo 3.720 pessoas com perda dos direitos políticos. Somente no ano de 1964 foram 27 atos punitivos com 3.464 pessoas atingidas. BORGES FILHO, Nilson. **Os militares no poder**. São Paulo: Ed. Acadêmica, 1994.

^v O desenvolvimento mais detalhado de uma definição de anticomunismo está, no entanto, presente, em BOBBIO, Norberto *et alli*. **Dicionário de política**, vol. I. 4. ed. Brasília: UnB, 1998, p. 34-35. O verbete “Anticomunismo” também está presente em: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins. **Dicionário crítico do pensamento da direita**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2000, p. 42.

^{vi} MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa – Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989**. Rio de Janeiro: Revan, 1998; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002; RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: Ediuupf, 1998; RODEGHERO, Carla Simone. **Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964**. Porto Alegre, UFRGS, Doutorado em História (Tese) 2002; SILVA, Carla Luciana. **Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Além dos trabalhos mencionados, acentuamos a existência de uma estimulante produção acadêmica desde meados da década de 1980. Por exemplo: AZEVEDO, Débora B. **Em nome da ordem: democracia e combate ao comunismo no Brasil (1946-1950)**. Brasília, UnB, Mestrado em História, 1992. BAPTISTA JR., Roberto. **Comunismo internacional, repressão e intervencionismo nos governos Dutra e Vargas**. Brasília, UnB, Mestrado em História, 2001. FERREIRA, José Roberto M. **Os novos bárbaros: análise do discurso anticomunista do Exército brasileiro**. São Paulo, PUCSP, Mestrado em Ciências Sociais, 1986. LIMA, Idalice Ribeiro S. **Flores do mal na cidade jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1964**. Campinas, UNICAMP, Mestrado em História, 2000. MOLINARI FILHO, Germano. **Controle ideológico e imprensa: o anticomunismo no Estado de São Paulo 1930-1937**. São Paulo, PUCSP, Mestrado em História, 1992. OLIVEIRA, Silvio José de. **Tonalidades de vermelho: comunismo e anticomunismo no norte do Paraná 1945-1960**, Londrina. Assis, UNESP, Mestrado em História, 2000. VITAL JR., Raul Rebelo. **O tribunal vermelho: em cena o caso Elza Fernandes – recortes do anticomunismo brasileiro durante o Estado Novo**. Porto Alegre, PUCRS, Mestrado em História, 2001.

^{vii} BONET, Luciano. “Anticomunismo”. In: BOBBIO, Norberto *et alli*. **Dicionário de política**, vol. I. 4. ed. Brasília: UnB, 1998.

^{viii} MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi L., **Contra os inimigos da ordem: a repressão política do regime militar brasileiro (1964-1985)**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

^{ix} Juntamente com os coronéis Osnelli Martinelli e Gérson de Pina, encarregados respectivamente pelo IPM do “Grupo dos Onze” de Brizola e o IPM do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), o Cel. Ferdinando de Carvalho era pertencente à chamada “linha-dura”, “caracterizavam-se pelo radicalismo, arbitrariedades, intransigência e pela adoção de meios e processos violentos de intimidação e coação.” Ver REGO, Gustavo

Moraes, entrevista concedida. D'ARAÚJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio Ary Dillon, CASTRO, Celso (Int. Org.). **Visões do golpe**: a memória militar sobre 1964. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 55.

^xSó um IPM, o da rebelião dos marinheiros, indiciara 839 cidadãos. A União Nacional dos Estudantes (UNE) também foi alvo de um extenso IPM, que ouviu mais de 750 pessoas acusadas de envolvimento com atividades “subversivas”. Pode-se estimar que os IPMs abertos entre 1964 e 1966 tenham sido mais de cem e menos de duzentos, resultando em processos judiciais para cerca de 2 mil pessoas. O Fundo Brasil: Nunca Mais catalogou 2.127 nomes de pessoas processadas, ressaltando que havia cidadãos indiciados em mais de um IPM. ARNS, Dom Paulo Evaristo (Prefácio). **Brasil: nunca mais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 85, 88.

^{xi} CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. **Estudos Avançados**. vol. 5, n. 11, p. 173-191. Universidade de S. Paulo, 1991, p. 185.

^{xii} As informações pessoais do Gal. Ferdinando de Carvalho foram retiradas da apresentação da sua entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2000 e publicada na **Coleção História Oral do Exército – 1964**, editada pela Bibliex, 2005.

^{xiii} BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

^{xiv} Idem.

^{xv} Não obtivemos outras informações biográficas de Ferdinando de Carvalho. CARVALHO, Ferdinando de. Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2000. In: **Coleção História Oral do Exército – 1964**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005, p. 165.

^{xvi} Sinalizamos que a apresentação do livro é assinada como: “Biblioteca do Exército – Editor”, porém como relator do livro *Os sete matizes do vermelho* está explícito o nome do Gen Div R-1 Jonas de Moraes Correia Filho.

^{xvii} **Os sete matizes do vermelho**, segundo seus editores teve um público de quase trinta mil leitores.

^{xviii} CARVALHO, Ferdinando de. **Os sete matizes do vermelho**. Rio de Janeiro: BIBLIEIX, 1977, p. 7.

^{xix} Idem, p. 27.

^{xx} Idem, p. 30.

^{xxi} Idem, p. 30.

^{xxii} Idem, p. 30. Lembramos que o suicídio foi uma versão pouco acreditada da morte do jornalista Wladimir Herzog, em outubro de 1975, nas dependências do DOI-CODI, em São Paulo.

^{xxiii} Idem, p. 31.

^{xxiv} SILVA, Golbery do Couto e. **Geopolítica do Brasil**. Coleção documentos brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

^{xxv} FICO, Carlos. **Como eles agiam**: os subterrâneos da ditadura militar – espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Recordo, 2001.

^{xxvi} Carta ao ministro da Justiça, encaminhada à DCDP, de 2 de março de 1977, Fundo “Divisão de Censura de Diversões Públicas”, Arquivo Nacional, Coordenação Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal, Série “Correspondência Oficial”, Subsérie “Manifestações da Sociedade Civil”, Caixa 2, doravante identificada apenas como “Caixa 2”. *Apud*, FICO, Carlos, 2002, p. 9.

^{xxvii} Carta ao Comandante da Polícia Federal em São Paulo, encaminhada à DCDP, de 1º de agosto de 1975, Caixa 1. *Apud*, FICO, Carlos, “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. In: *Topoi - Revista de História*, Rio de Janeiro: UFRJ. n. 5, p. 11, set. 2002.

^{xxviii} *Subversão Comunista no Brasil, de 20 de junho de 1974, referindo-se ao Relatório Especial de Informações no. 04/74, do CIE*, citado na *Informação no. 017/70/AC/76*, da Agência Central do SNI, de 20 de fevereiro de 1976, *apud* GASPARI, Helio. **A ditadura derrotada**. São Paulo, Companhia das Letras. 2003, p. 406.

^{xxix} DOCUMENTO DE INFORMAÇÕES, No. 046/75/CISA, APGCS/HF, *apud* GASPARI, Helio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 326.

^{xxx} Resumidamente, a estrutura de um romance de acordo com MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. S. Paulo: Edições Melhoramentos, 1971, ausentes em **Os sete matizes do vermelho** são as seguintes: pluralidade e simultaneidade dramática, liberdade total de tempo e espaço, a mescla entre diálogo, narração e descrição. Tais considerações também se refletem, nos outros livros de Ferdinando de Carvalho, **Os sete matizes do rosa** (1978) e **O arraial, se a revolução de 1964 não tivesse vencido** (1978), também analisados em nossa tese de doutorado.

^{xxx1} O termo “aparelho” refere-se às casas e apartamentos utilizados pelas organizações clandestinas de esquerda para abrigar seus militantes, guardar documentos, bem como realizar reuniões.

^{xxxii} Entrevista de João Baptista de Figueiredo a Cláudio Renato, O Estado de São Paulo, 23 de dezembro de 1996. *Apud* GASPARI, Helio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

^{xxxiii} PASSARINHO, Jarbas. **Um híbrido fértil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996, p. 393.

^{xxxiv} D' ARAÚJO, Maria Celina & SOARES, Gláucio Ary Dillo. **Dossiê Geisel**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, p. 225.

^{xxxv} CARVALHO, Ferdinando de. **Os sete matizes do vermelho**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1977, p. 36.

^{xxxvi} **PCB: vinte anos de política (1958-1979)**, documentos, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980, p. 63.

^{xxxvii} Trata-se de um segundo livro de Ferdinando de Carvalho por nós analisados na referida tese de doutorado.

^{xxxviii} Considerações desse nível foram realizadas por ex-militantes do PCB como Osvaldo Peralva no livro **O retrato**.

SOBRE A AUTORA

Doutora em Historia Social (2009) pela Universidade Federal da Bahia. Foi professora de Teoria e Metodologia da Historia, Metodologia do Ensino de Historia, Historia do Brasil, Historia da Ásia, História Contemporânea. Pesquisadora de ditadura civil-militar brasileira, luta armada, comunismo e anticomunismo. Atualmente faz graduação em Cinema pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e trabalha com documentários, desenvolvendo pesquisa sobre Cinema, memórias, torturas e ditadura civil militar.